



**DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO  
COORDENAÇÃO DE PEDAGOGIA**

**VANISE DE OLIVEIRA GONDIM**

**ESTRATÉGIAS DE LUTA CONTRA O RACISMO EM SALA DE AULA**

**GUARABIRA/PB**

**2012**

VANISE DE OLIVEIRA GONDIM

## **ESTRATÉGIAS DE LUTA CONTRA O RACISMO EM SALA DE AULA**

Artigo apresentado ao curso de Pedagogia da UEPB, em cumprimento à exigência para obtenção do Grau de Licenciada.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Ivonildes da Silva  
Fonseca

GUARABIRA/PB

2012

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL DE  
GUARABIRA/UEPB

G637e Gondim, Vanise de Oliveira

Estratégias de luta contra o racismo em sala de aula /  
Vanise de Oliveira Gondim. – Guarabira: UEPB, 2012.

21f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em  
Pedagogia) – Universidade Estadual da Paraíba.

Orientação Prof. Dr. Ivonildes da Silva Fonseca.

1. Racismo 2. Escola 3. Estratégias Antirracista  
I.Título.

22.ed. 326

**VANISE DE OLIVEIRA GONDIM**

**ESTRATÉGIAS DE LUTA CONTRA O RACISMO EM SALA DE AULA**

Trabalho de conclusão de curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de Licenciada, no curso de Pedagogia da UEPB.

Aprovada em 04 de dezembro 2012

COMISSÃO ORGANIZADORA

Ivonildes da Silva Fonseca

Profª. Drª. Ivonildes da Silva Fonseca (UEPB)

Orientadora – Presidente

Waldeci Ferreira Chagas

Profº. Drº. Waldeci Ferreira Chagas (UEPB)

(1º Examinador)

Paula Maria Fernandes da Silva

Profª. Msc. Paula Maria Fernandes da Silva (SEE/PB)

(2ª Examinadora)

Dedico a todas e todos que fizeram e fazem parte do curso de Pedagogia da UEPB Campus III, o qual me proporcionou um grande aprendizado enquanto Graduanda.

## AGRADECIMENTOS

À Deus, que me permitiu chegar até aqui. Aos meus pais Antônio Pacheco e Marly Nunes. Ao meu namorado, amigo e companheiro de todos os momentos que por vezes teve que suportar a minha desatenção para consigo.

Agradeço à minha Orientadora Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Ivonildes Fonseca pela seriedade, atenção e condução deste trabalho, sem ela eu não teria êxito para a produção do mesmo.

As poucas amigas verdadeiras e presentes que me entenderam nos dias em que eu não estava aberta às conversas, em especial, Claudiene Lima pelas constantes trocas de ideias de interesse para nossos respectivos trabalhos.

Por fim, agradeço ao meu próprio “Eu” pela determinação e autocrítica diante das dificuldades de produzir este trabalho e do prazer de vê-lo concluído.

“Qualquer discriminação é imoral e lutar contra ela é um dever por mais que se reconheça a força dos condicionamentos a enfrentar”.

(Paulo Freire)

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	07
1. As contribuições da Lei Federal 10.639/03.....	09
2. O racismo presente em sala de aula na sociedade contemporânea.....	11
3. Desconstruir o Mito da Democracia Racial.....	14
4. Os estereótipos presentes nos Livros Didáticos, na Literatura Infanto-Juvenil e na Mídia que estigmatizam a criança negra.....	16
5. Estratégias de combate ao racismo.....	18
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	20
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	21



## **ESTRATÉGIAS DE LUTA CONTRA O RACISMO EM SALA DE AULA**

VANISE DE OLIVEIRA GONDIM

### **RESUMO**

Este artigo apresentado como trabalho de conclusão de curso é fruto de uma pesquisa desenvolvida em uma escola da rede Estadual de Ensino na cidade de Guarabira, durante o estágio de Prática Docente entre os meses de março e junho de 2012. Após o estágio, constatei a existência do racismo na sala de aula e a omissão da professora nos momentos em que o conflito etnicorracial era exacerbado. A análise seguiu na direção da pesquisa qualitativa e a desenvolvemos utilizando as técnicas de observação e de leituras específicas a exemplo de Andrade, 2001; Brasil, MEC, 2004; Cavaleiro, 2001 e Cruz, 1989. Diante do que convivi, ficou fortalecida a motivação para a temática. E assim, deixo a minha afirmação sobre o conhecimento insuficiente da Lei 10.639/03 que instituiu a obrigatoriedade do ensino da História da África e da cultura afro-brasileira no currículo escolar.

Palavras-Chave: Racismo na escola, Infância-racismo, Estratégias antirracistas.

### **INTRODUÇÃO**

Vivemos numa das sociedades mais injustas do mundo a brasileira- na qual as desigualdades sociais existentes no nosso meio construídas ao longo do processo histórico, político e cultural, quase sempre estão relacionadas ao racismo exacerbado que emprega a pseudo concepção de superioridade entre grupos humanos, o que vem afetando diretamente a população negra. Essas desigualdades são frutos de uma estrutura racista, somada à exclusão social e socioeconômica e vem atingindo crianças negras em idade escolar.

O tema “Estratégias de luta contra o Racismo em sala de aula” despertou em mim interesse de pesquisa num momento em que realizava visitas de observação em escolas do Ensino Fundamental I entre os meses de agosto e novembro do ano de 2011 e pude presenciar práticas de racismo dos/as alunos/as ditos “brancos” contra os/as alunos/as de cor negra. Percebi que não havia intervenção alguma das professoras para inibir essa prática que há tanto vem afetando as pessoas negras de forma injusta e cruel.

O meu interesse se reforçou ainda mais a partir dos Estágios práticos em uma sala de aula do 2º ano (Ensino Fundamental) no decorrer dos meses de abril e junho de 2012, onde as

crianças em sua maioria eram negras e sofriam com apelidos intoleráveis expressos pelas crianças consideradas brancas.

Identifiquei as crianças negras através de suas características físicas, cor da pele, modo de como se vestiam, os cabelos crespos, outros encaracolados, e principalmente, pelas atitudes racistas dos coleguinhas para com as mesmas.

Para a realização desse artigo desenvolvemos pesquisas bibliográficas de autores que discorrem sobre o tema e coletamos dados empíricos por meio de observações registradas em estágios anteriores em sala de aula, procurando evidenciar os principais pontos de relevância que implicam na existência do racismo.

O presente trabalho, em forma de artigo, tem como principal objetivo relevar a existência do racismo contra crianças negras em sala de aula. Os objetivos específicos são: Apresentar estratégias de combate ao racismo de acordo com o que diz (CRUZ, 1989; BRASIL MEC, 2004) sobre a temática e assim contribuir positivamente com sugestões que elevem a autoestima da criança negra.

Pretendo com esse trabalho aprofundar o meu estudo sobre o tema partindo da perspectiva de que seja qual for a forma do racismo contra a pessoa negra e como o mesmo se manifesta, essa prática deve e precisa ser evitada já nas primeiras etapas educacionais da vida da criança, momento em que sua personalidade está sendo formada, impedindo assim que a criança negra fique submetida aos sofrimentos provocados pelo racismo.

Abordamos também as consequências negativas que o imaginário branco traz para o universo infantil mediante atitudes que causam desmotivações, incapacidades, baixa estima nas crianças negras que, de certa forma tem o seu processo de aprendizagem prejudicado, visto que, é nessa fase que a criança absorve os comportamentos e as diversas coisas que as pessoas falam e acabam introjetando em suas mentes informações que mais tarde poderá causar danos irreparáveis quanto ao reconhecimento de sua identidade e origem.

Contemplamos também questões voltadas à Democracia Racial, uma ideologia que muitos ainda pregam no nosso país. Nesse sentido discorremos sobre os estereótipos presentes na mídia e nos clássicos da literatura Infanto-Juvenil que não enaltecem os (as) personagens negros (as) em seus roteiros.

E, finalmente, falamos sobre a importância das estratégias de combate ao racismo, mas precisamente no ensino fundamental, valorizando os costumes e culturas africanas. Cultura essa que é retratada no modo de se vestir das crianças negras, as diferentes formas de arrumar os cabelos, os adereços como brincos e colares que dão um contraste de beleza e relevância às suas origens.

## 1. AS CONTRIBUIÇÕES DA LEI FEDERAL Nº 10.639/03

O Brasil que politicamente já foi Colônia, Império e atualmente República, ao longo de sua história manteve o povo negro às margens das dimensões políticas, sociais, econômicas e, sobretudo, educacionais.

No que se refere à educação houve dois decretos, o de nº 1.331, de 17/02/1854 e o de nº 7.031-A, de 06/09/1878. O decreto 1.331, “estabelecia que nas escolas públicas do país não seriam admitidos escravos, e a previsão de instrução para adultos negros dependia da disponibilidade de professores”. Já o decreto 7.031-A, “estabelecia que os negros só podiam estudar no período noturno e diversas estratégias foram montadas no sentido de impedir o acesso pleno dessa população aos bancos escolares”.(BRASIL, MEC, 2004, p.7).

Pode-se ver a tamanha injustiça que foi cometida pelos poderosos da época, afirmando explicitamente em documentos oficiais que nas escolas públicas do país não seriam admitidas pessoas escravizadas.

Como vemos, a falta de interesse por parte dos governantes em criar e desenvolver políticas públicas e viáveis de incentivo a cultura negra e o seu acesso à educação, é algo que existe há anos na nossa sociedade capitalista com padrões brancos.

A população brasileira, em especial a branca ou aquela que se intitula de branca, introjetou em suas mentes um padrão cultural com referências ao Eurocentrismo mantendo em seu imaginário a pretensa superioridade de raças, ou seja, os indivíduos que tem a pele, cabelos e olhos claros são pertencentes a elite hierárquica, enquanto os negros são os subordinados e excluídos devendo permanecer nesta posição de menosprezo e inferioridade racial.

Essa ideologia racista vem sendo transmitida e incorporada pelas crianças ditas brancas, consequências dos atos dos adultos ao desenvolver práticas de racismo na presença dos filhos que estão em processo de aquisição de conhecimento, e tudo que é visto ou ouvido pelas crianças, elas passam inconscientemente a agir semelhante ao adulto racista no convívio com pessoas negras. E, consequências ainda, da estrutura educacional que não está preparada para combater essas práticas.

Voltando à questão da educação, a luta do povo negro para ter acesso e permanência nas escolas foi marcada por práticas de preconceito, racismo e discriminação aos afrodescendentes, muitas crianças negras ficaram impedidas de usufruir o direito ao ensino, ficando alheia a instrução escolar devido a não existência de políticas públicas para combater tal racismo. Foram poucas as pessoas comprometidas com a causa que se mobilizaram para

mudar essa injustiça no intuito de encontrar soluções para inserir a criança negra no espaço educativo de forma constitucional, através da efetivação da matrícula nas escolas públicas municipais e estaduais.

Aos olhos de muitos indivíduos de cor branca e alto poder socioeconômico, o (a) negro (a) não precisa ser instruído (a), porque são aversos ao conhecimento, as boas maneiras, são rebeldes e incapazes de constituírem cidadania. É uma falsa imagem do povo negro perpassada de geração a geração pelo discurso branco opressor próprio do capitalismo. E isso, sabendo todos nós que o Brasil é composto por uma população advinda da mestiçagem, que há mais semelhanças entre as culturas do que diferenças.

No tocante à esfera educacional, uma das conquistas mais recentes da população negra foi a implantação da Lei Federal nº 10.639/03, sancionada pelo Presidente, na época, Luís Inácio Lula da Silva. Esta lei altera a LDB (Lei de Diretrizes e Bases) de 1996, e estabelece as Diretrizes Curriculares para a implantação da mesma.

A Lei 10.639/03 instituiu a obrigatoriedade do ensino da História da África e da cultura afro-brasileira no currículo escolar do Ensino Fundamental e Médio nas escolas privadas e públicas do Brasil. Além desta lei, o governo criou também no mesmo ano (2003), a SEPPIR (Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial). Essa decisão resgata historicamente a presença dos (das) negros (as) na construção da sociedade brasileira. (BRASIL, MEC. 2004, p.8).

Atitudes como estas de criar políticas que promovam a inserção da história da pessoa negra no espaço educativo, favorecem o seu reconhecimento como pessoa e cidadã representante de uma população que nunca desistiu de lutar por melhorias e por acesso à educação, um direito que lhe foi negado por muito tempo.

A realidade vivenciada pelas crianças tanto negras quanto brancas em sala de aula, não mostra como deveria, a riqueza que existe na história dos afrodescendentes. E, com a obrigatoriedade do ensino da História da África, todas as crianças poderão ter acesso a um vasto conhecimento referente às manifestações culturais de um povo que só esteve e está presente no processo histórico brasileiro, possibilitando o resgate de seus valores e suas tradições num direcionamento igualitário partindo da perspectiva de que todos somos iguais como seres humanos e somos diferentes nos aspectos que envolvem a personalidade, a religião, os costumes e outros aspectos subjetivos.

As ações positivas em prol do combate do racismo sempre serão uma conquista a mais para quem sofreu ou sofre com tamanha discriminação racial como a que ocorre no Brasil. Considerando que essas ações sejam praticadas de maneira a reconhecer sempre a cultura e

identidade da população negra, as pessoas precisam despertar em si atitudes afirmativas em relação às questões raciais, pois partindo desse despertar é que pode-se construir uma nação democrática em que todos, igualmente, tenham seus direitos garantidos e sua cultura valorizada, independente a que meio social pertença.

A Lei 10.639/03 e os subsídios teóricos da SEPPIR só vieram contribuir para a abertura da ascensão da gente negra ao longo do período histórico brasileiro, cabendo aos profissionais das instituições escolares tomarem conhecimento de sua existência e aplicá-la em sala de aula integrando-a no contexto educativo enaltecendo a diversidade racial, além de trabalhar positivamente temas envolvendo o negro e sua história de lutas e conquistas, devendo em todas as ocasiões ser evidenciadas para que as crianças sintam-se valorizadas enquanto aprendizes de buscar por reconhecimento de seu povo.

É no período da infância que introjetamos as atitudes dos adultos como uma referência a ser seguida, e quanto mais a criança conviver com as pessoas que não comungam com a prática do racismo, mais se tornarão adultos responsáveis para com as diferenças do seu próximo.

## **2. O RACISMO PRESENTE EM SALA DE AULA NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA**

Muito se fala em racismo, mas afinal o que viria a ser o real significado desta palavra?  
Dentre as várias definições Cruz, (1989, p.20)

O racismo é a manifestação em ato ou em comportamento do preconceito racial, implicando no exercício do poder contra os grupos raciais considerados injustamente inferiores. Tendo como consequências: a discriminação, a segregação, a perseguição física e moral, a sonegação de direitos e o genocídio.

Segundo Sant'ana (2005, p.)

Discriminação racial significa qualquer distinção, exclusão, restrição ou preferências baseadas em raça, cor, descendência ou origem nacional ou étnica, que tenha como objetivo ou efeito anular ou restringir o reconhecimento, o gozo ou exercício, em condições de igualdade, os direitos humanos, e liberdades fundamentais no domínio político, social ou cultural, ou em qualquer outro domínio da vida pública.

Como vemos, o significado da palavra racismo é bem profundo e nos faz pensarmos e refletirmos do quanto sua prática é maléfica e destruidora da autoestima de crianças,

adolescentes, jovens e adultos. As manifestações em ato ou comportamento que o autor relata são desencadeadas também em sua maioria no ambiente escolar, os (as) alunos (as) descendentes afros vêm sofrendo racismo por ter a cor da pele escura e os cabelos crespos, além de outros traços físicos marcantes que por vezes tornam-se popularmente falando um “prato cheio” para a expressão de apelidos maldosos por parte dos colegas ditos não negros.

A sociedade ocidental há séculos estabeleceu padrões normativos de que a cor branca seria sinônimo de perfeição e superioridade entre indivíduos, isso afeta negativamente a estrutura mental da criança negra que sente-se menosprezada, limitada e excluída chegando ao ponto de não se reconhecer como negra anulando a existência de suas origens. O racismo existe exacerbadamente no âmbito escolar, espaço esse que deveria combater de forma mais efetiva essas práticas por meio da conscientização da miscigenação racial, desmistificando essa inconsistente ideia do branco ser superior em todas as dimensões.

Qual criança negra terá um bom desempenho se constantemente sofre com o racismo, não participa das encenações teatrais ocupando personagens de destaque das clássicas historinhas ou simplesmente convive ouvindo no cotidiano da escola e nas relações sociais que ser branco é ser belo, perfeito, é ter inteligência e o inverso é o ser negro? Ou ainda quando vai assistir a um vídeo de histórias infantis da literatura brasileira sugerido e imposto pela (o) professora (o) não condiz em nada com suas origens? Nessa linha a constatação de Cavalleiro (2001, p.145) é fundamental: “Dessa maneira, o espaço escolar reproduz o modelo de beleza branca/europeia predominante nos meios de comunicação e na vida social”.

Os elementos pertinentes ao racismo no processo de aprendizagem da criança, a leva ao isolamento no desenvolver das atividades em sala de aula como pude observar em diversos momentos da realização de estágios. Para ilustrar o anunciado, reproduzo um diálogo travado entre duas crianças na disputa para interpretar a personagem de Chapeuzinho Vermelho:

Criança branca: - Você é “nega”! Eu que vou ser a Chapeuzinho Vermelho, ela até parece comigo, o cabelo é liso como o meu.

Criança negra: - Chapeuzinho Vermelho não é “nega”, mas morena como eu. Minha mãe disse que vai alisar meu cabelo, então vai dá para eu ser.

Criança branca: - Teu cabelo é de bucha que nem alisando presta. Vai ficar muito feio uma Chapeuzinho assim. (GONDIM, 2012).

Depois deste diálogo entre as “amigas”, ambas com 08 anos, a criança negra isolou-se em um canto da sala deixando transparecer uma imensa tristeza em seu semblante. Em momento algum a professora entreviu, algo que me doeu muito ao ver os lindos olhos daquela menina encher-se de lágrimas.

Em outro momento, mais uma vez, presenciei a prática do racismo ocorrendo na sala, desta vez com um menino negro que adentrou na sala usando em seu pescoço um colar que a meu ver foi feito artesanalmente de pedaços de madeira em volta de um tipo de nylon. As crianças (brancas) e outras que se diziam ser brancas, em sua maioria, passaram a chamar o menino de “negro zumba”. Um aluno de cor branca ainda tentou arrancar com um ar de agressividade o colar, porém, não conseguiu pelo fato da criança negra colocar as mãos no pescoço e se afastar da turma, ficando sentado em uma cadeira bem atrás na sala.

Fatos como estes, em sala de aula, são inaceitáveis, ainda mais quando se trata de práticas realizadas por crianças. Isso demonstra que as crianças já estão trazendo consigo um ideário de cor branca e de superioridade, consequências da reprodução dos atos de suas famílias, seus vizinhos, programas de televisão e colegas, assim como também dos valores transmitidos pela escola.

A professora titular demonstrou comodismo, falta de atitude, de reconhecimento perante a situação de desvalorização das diferenças e não esboçou esforço algum para contornar a situação, sabendo a mesma que uma de suas funções é levar aos seus alunos os mais diversos conhecimentos. O conhecimento da diversidade racial, o respeito e aceitação das diferenças, os costumes, hábitos de se vestir, além dos acessórios que para muitos é visto como um símbolo de proteção e conquistas ou como manda as suas tradições.

Cabe aos professores em geral, observarem e estarem atentos às práticas racista em sala de aula, buscando sempre intervir e lutar para que tais episódios possam ser evitados e quem sabe até exterminados, mesmo que seja um processo lento, mas que conscientizem os pequeninos, pois se vivemos num país democrático, embora tenha seus problemas sociais, econômicos, políticos, etc. precisamos viver respeitando o ser humano com suas especificidades.

Faz parte do pensar certo a rejeição mais decidida a qualquer forma de discriminação. A prática preconceituosa de raça, de classe, de gênero ofende a substantividade do ser humano e nega radicalmente a democracia. (FREIRE, 1996, p.36).

Partindo desse pressuposto, o nosso pensamento enquanto professor ou professora é o de que somos mediadores do conhecimento, e assim a nossa atitude é a de rejeitar, impedir e coibir veementemente o racismo no contexto escolar. Dessa forma estaremos contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa no que se refere à diversidade etnicorracial.

### **3. DESCONSTRUIR O MITO DA DEMOCRACIA RACIAL**

Sabemos que no Brasil falar da existência do racismo é um assunto que gera controvérsias devido a sua complexidade. Da mesma forma que se afirma a sua negação, o racismo existe e mantém-se presente no sistema de valores que influencia na conduta da sociedade capitalista. É muito comum ouvirmos as pessoas falarem que não são racistas, que aceitam conviver num mesmo ambiente com pessoas negras sem demonstrar qualquer tipo de repúdio e sem relutância alguma no que diz respeito a sua cor.

Mas o que estamos vendo nas relações sociais do dia a dia não é bem isso. O racismo contra a pessoa negra é tão grande que essa população sofre as ações racistas em todos os ambientes sociais. Quando as manifestações racistas ocorrem no seio familiar e educativo, muitas crianças reforçam o fato de estarem precocemente agindo como adultas ao se comportarem com atitudes de rejeição aos colegas não negros/as.

A educação precisa exercer o seu papel frente ao combate as práticas racistas, partindo da ideia de uma educação que atenda as necessidades de seus educandos de maneira contextualizada abarcando todos os princípios de equidade etnicorracial. Diante deste desafio os (as) professores (as), pais, alunos e demais profissionais das instituições escolares precisam se juntar num só objetivo a ser alcançado. Primeiro se conscientizar das diversidades, aceitando o “outro” com suas diferenças físicas, culturais, sociais e econômicas para consequentemente lançar mãos a subsídios e estratégias de impedir a propagação do racismo em sala de aula, espaço de aprendizagens e conhecimento das coisas e do mundo.

É através da educação que pode-se reverter a atual situação da prática do racismo, que há muito predomina em sala de aula. No decorrer da infância e do desenvolvimento cognitivo, as crianças tendem a absorver as atitudes dos adultos para a sua formação enquanto ser humano, até porque a criança nesta fase com idades entre 07 a 09 anos ainda não tem discernimento suficiente para selecionar as coisas boas que vão direcioná-las para a vida, e geralmente, reproduzem os atos daqueles que as cercam.

Uma das iniciativas que podem ser tomadas pelo coletivo das instituições escolares é compreender as relações raciais que ocorrem no interior das escolas, isto já é um grande passo para combater comportamentos que envolvem ações racistas. É necessário empregar nas escolas por meio de professores capacitados e conhecedores da diversidade étnica, a importância do respeito às diferenças, proporcionando momentos de palestras e discussões acerca dos malefícios que o racismo causa na vida de uma pessoa, levando as crianças a



entenderem que vivemos num país miscigenado, onde todos têm um pouco ou muito da herança africana, sejam elas físicas ou culturais.

Cabe, portanto, um olhar mais atento dos (as) professores (as) quanto à prática do racismo camuflado por parte das crianças, ao qual pude presenciar em sala de aula de uma escola pública da rede Estadual de Ensino durante o lanche da manhã. O ato racista sucedeu-se com uma menina negra que acabara de tirar de sua mochila uma pequena garrafa térmica contendo café com leite para tomá-lo. Uma coleguinha de cor quase parecida com a sua, o que diferenciava eram apenas os cabelos lisos e olhos esverdeados, disse o seguinte: “Sabe por que a tua cor é assim? É de tanto tomar isso. Lá em casa eu só tomo leite mesmo e “boto” açúcar pra ficar mais branquinho.”(GONDIM, 2012).

Se alguém me contasse este fato, talvez eu nem acreditaria, mas infelizmente ocorreu e foi presenciado por mim, por outras crianças e uma funcionária que recolhia o lixo da sala. Na minha concepção o racismo foi camuflado pela não ocorrência de palavras que caracterizam a sua prática como “preta, macaca, carvão”. No entender de uma das meninas, o fato de tomar só leite com açúcar já era o suficiente para deixá-la branca, o contrário do café que é preto e só a escureceria ainda mais.

No mínimo esta criança anteriormente foi vítima do racismo por ser negra e a todo custo através de influências da sociedade que ostenta a superioridade do “ser branco”, está anulando as suas próprias origens. Outras crianças negras quando ouvem isto, acabam também, tendo a vontade de ter a pele branca e de estar inserida na mesma estrutura que o branco encontra-se. Situação afirmada por Cavalleiro (2001, p.145).“Acontecimentos como esses contribuem para um sentimento de recusa às características raciais do grupo e fortalece o desejo de pertencer ao grupo branco”.

Será que não estamos equivocados ao falarmos que no Brasil existe uma Democracia racial? Uma vez que a Democracia Racial define o Brasil como um país em que todas as pessoas vivem em harmonia e sem conflitos.

Segundo Florestan Fernandes (1989, p.17) a ideia de Democracia racial [...] “expressa algo muito claro: um meio de evasão dos estratos dominantes de uma classe social diante de obrigações e responsabilidades intransferíveis e inarredáveis. Daí a necessidade do mito”. [...].

Se realmente existisse esta tal democracia racial que tantos insistem em afirmá-la, não haveria tantas crianças negras incorporando uma cultura não condizente com a sua, devido sofrer racismo por parte da população branca. Também não existiriam cotas para negros ter acesso ao Ensino Superior, não haveria tantos não a uma vaga de emprego onde a maioria ou

todos os funcionários são brancos, como também não haveria necessidade de criar leis obrigando a inserção da História da África e da cultura afro-brasileira no currículo escolar.

#### **4. OS ESTEREÓTIPOS PRESENTES NOS LIVROS DIDÁTICOS, NA LITERATURA INFANTO-JUVENIL E NA MÍDIA QUE ESTIGMATIZAM A CRIANÇA NEGRA**

Quando folheava (folheio) os livros de História e Geografia sempre encontrava as imagens de pessoas negras nas piores condições. O homem negro sendo retratado como escravo, ou melhor, escravizado enaltecendo apenas a sua força física e as mulheres negras como mucamas exploradas pelas damas dos senhores da elite. Os (as) pequeninos (as), filhos (as) de escravizados (as) aparecem de pés descalços, roupas velhas e rasgadas alimentando-se de sobras e sem frequentar a escola.

Qual é a criança negra que ao ver essas imagens que trata da história de seu povo de forma torpe, vai sentir orgulho de pertencer a mesma? Será que a história do povo negro limita-se apenas à escravidão, à servidão e à ignorância? Por que não retratar uma história do (a) negro (a) que fortaleceu também a economia do Brasil por tanto tempo através de sua força nos engenhos e plantações de café? Teria o Brasil se destacado economicamente se por trás de tudo isso não tivesse o povo negro, aquele que muitos os julgam inferiores? Certamente, sem sombra de dúvidas não.

É a ausência de referência positiva na vida da criança e da família no livro didático e nos demais espaços (...) que esgarçam os fragmentos de identidade da criança negra, que muitas vezes chega à fase adulta com total rejeição à sua origem racial, trazendo-lhe prejuízo à sua vida cotidiana. (ANDRADE, 2001, p.115).

Se a criança negra, como afirma a autora acima citada, não tiver referências positivas quanto à história de seus antepassados ela vai chegar a fase adulta repudiando a sua identidade cultural, em sua mente será construído um padrão racial e normativo de que a cor branca é a única que prevalece na estrutura social.

Outro aspecto importante a ser discorrido neste trabalho refere-se aos clássicos da Literatura Infanto-juvenil que contemplam personagens como Cinderela, Branca de Neve, Cachinhos Dourados, Rapunzel entre tantas outras com ilustrações que enfatizam a cor branca, olhos azuis ou verdes, os cabelos loiros e traços da feição muito delineados. A criança negra ao folhear estes livros não se ver neles.

Como bem sabemos, a Literatura Infanto-Juvenil é um dos meios de integrar e direcionar as crianças ao mundo da leitura, mas tem que ser uma leitura contextualizada e diversificada que leve as crianças a despertar o gosto pela mesma. Geralmente, os autores que constroem as historinhas infanto-juvenis, enfatizam bastante o modelo eurocêntrico de beleza branca em suas ilustrações, narrações e no contexto da história em si.

As crianças negras ao terem acesso a estes livros logo percebem as imagens depreciativas do seu povo simbolizando inferioridade em relação ao branco. As imagens deturpadas do povo negro preenchem a imaginação das crianças levando-as a desprezarem e não reconhecerem sua identidade étnica, devido a representação de papéis de pouco destaque, caracterizadas como pobres, feias e mal vestidas.

Além das ilustrações lamentáveis, depreciativas, caricatas, animalizadas do ponto de vista da narrativa a personagem negra é descrita exercendo funções sociais consideradas inferiores, sendo estigmatizada; além disso, aparece como minoria. (SOUSA, 2001, p.195).

Nas narrativas as crianças incorporam os elementos presentes no desenrolar da história e os introduzem em seu cotidiano como uma referência. As princesas loiras e seus príncipes montados a cavalos fazem com que a criança alimente dentro de si o desejo de vivenciar essas situações.

Como a criança negra vai se ver nessas historinhas se em nenhum momento encontra elementos positivos de sua cultura? Precisamos como professores (as) selecionar melhor o que estamos impondo às crianças quanto o que elas vão ler ou ouvir. A fase da infância é propícia para a formação do Ser que existe na criança e determina muito como ela vai agir no futuro quanto o respeito e reconhecimento das diversidades. Quanto mais oferecermos histórias distintas que contemplem personagens negros (as), mas valorizará a sua origem.

Outro aspecto importante quanto à questão da criança negra é o que se refere aos papéis interpretados na televisão em novelas e minisséries, onde aparecem como filhos (as) das empregadas, não são tratados com respeito e moram em bairros periféricos, denominados pelos patrões como favelas. Atualmente acompanhamos pelo Sistema Brasileiro de Televisão-SBT a novela Carrossel, na qual a personagem chamada Cirilo é interpretado por uma criança negra que, além da vida social de extrema pobreza é muito humilhado por uma menina branca e rica.

Alguém pode argumentar: a realidade do Brasil é assim. Brancos humilham negros. Mas perguntamos: e Cirilo tem que ser tão ingênuo e sem atitude de autoestima?

O mais cruel é quando subestimam a inteligência da criança negra como se ela não fosse capaz de desenvolver funções que qualquer outra criança desenvolve nas encenações de papéis em que deveriam aparecer numa família composta por mãe, pai e irmãos frequentando a escola e ambientes sociais como aparecem frequentemente as crianças brancas.

Algo que marca muito a mentalidade da criança negra quanto aos comerciais voltados para o lúdico são as bonecas, mas principalmente as da linha da Barbie, representando a beleza eurocêntrica com seus longos cabelos loiros e lisos, olhos azuis, corpo esbelto e muito magras. É muito triste para uma criança negra não ver a representação de sua cor e da estética negra nas bonecas.

Felizmente, as indústrias já estão fabricando bonecas com características negras, apesar de ser um preço não muito atrativo, talvez o elevado custo deva-se ao fato de ter poucos clientes para adquirirem tal boneca, que, na minha concepção é uma das mais graciosas de se ver e possuir.

## **5. AS ESTRATÉGIAS DE COMBATE AO RACISMO**

Combater as práticas racistas não é fácil, precisamos lançar mãos a todos os subsídios teóricos e práticos para impedir a sua propagação no espaço escolar. Para tanto, é necessário a constante leitura das obras de autores e das Diretrizes da Lei 10.639/03, assim como também dos PCN's, principalmente dos temas transversais que tratam dessas temáticas a fim de construir um ambiente harmonioso com respeito às diversidades étnico-culturais e ter sempre um caminho a ser seguido no intuito de impedir os atos racistas entre as crianças.

Os (as) profissionais da educação devem partir de um ensino que aborde em todas as disciplinas (História, Geografia, Português, Ensino Religioso etc.) conteúdos que são referenciais para o reconhecimento as diversidades e o reconhecimento da história do povo negro objetivando o acesso dos alunos aos mesmos. Nesta perspectiva, afirma Cruz (1989, p. 97-98.).

Os professores devem solicitar aos alunos pesquisas sobre as causas que determinam o subdesenvolvimento dos grupos étnicos (...); Estudar o processo de resistência política e cultural do negro contra a ordem escravocrata (...) destacando heróis negros como Zumbi dos Palmares; Pesquisar a partir da África os grupos que aqui chegaram (...). Estudar a história dos grandes reinos africanos no período que antecede ao tráfico de escravos; Pesquisar os condicionamentos sociais e históricos dos valores estéticos e éticos; Estudar a psicologia dos grupos étnicos dominados (o negro) considerando os complexos de inferioridade, de auto rejeição e de rejeição do outro, causados pela perda de identidade étnica; Estudar a economia, países, povos, etnias e culturas do continente africano; Orientar os alunos a elaborarem redação

inspirada em temas sobre o negro; Estudar a importância das línguas africanas no português falado no Brasil; Solicitar trabalhos de pesquisa sobre o negro na literatura brasileira como personagem e autor; Estimular a pesquisa sobre as religiões africanas no Brasil, numa perspectiva anti-etnocentrista e ecumênica (...).

São vários os caminhos metodológicos de como inserir a História e Cultura Afro-Brasileira e da África de maneira positiva em sala de aula tanto para as crianças negras quanto para as brancas. Valorizar as expressões dos (as) alunos (as) diante de seu entendimento voltado para a sua identidade, o que pensam sobre o processo histórico que vivenciou e vivencia a população negra já é um bom começo para propiciarmos debates e seminários, contribuindo para desmistificar o equívoco de associarmos o negro à inferioridade.

As ações educativas de combate ao racismo requerem atitudes que são pertinentes aos docentes e a pessoas que ocupam cargos administrativos e de coordenação: (BRASIL, MEC, 2004, p. 19-20)

A conexão dos objetivos, estratégias de ensino e atividades com a experiência de vida dos alunos e professores, valorizando aprendizagens vinculadas às suas relações com pessoas negras, brancas, mestiças etc. no conjunto da sociedade. A crítica pelos coordenadores pedagógicos, orientadores educacionais, professores, das representações dos negros e outras minorias nos textos, materiais didáticos, bem como providências para corrigi-la. Condições para professores e alunos pensarem, decidirem, agirem assumindo responsabilidade por relações étnicorraciais positivas, enfrentando e superando discordâncias, conflitos, contestações, valorizando os contrastes das diferenças. Valorização da oralidade, da corporeidade e da arte, por exemplo, como a dança, marcas da cultura de raiz africana, ao lado da escrita e da leitura. O cuidado para que se dê um sentido construtivo à participação dos diferentes grupos sociais, étnicorraciais na construção da nação brasileira, aos elos culturais e históricos. Participação de grupos do Movimento Negro, e de grupos culturais negros, bem como da comunidade em que se insere a escola, sob a coordenação dos professores, na elaboração de projetos político-pedagógicos que contemplem a diversidade étnicorracial (...).

As estratégias de combate ao racismo devem partir sempre de concepções que contemplem às diversidades dentro do contexto didático que será estudado em sala de aula, abordando os aspectos culturais-africanos que originaram a nossa miscigenação.

Possibilitar e promover a interação entre crianças negras e brancas através de estudos que contemplem a história da população negra no Brasil, valorizando os aspectos positivos desta gente é fundamental para coibir a prática do racismo.

Em conjunto com o coletivo da escola, com os alunos, com os pais e a comunidade em geral, propiciar palestras não só em datas alusivas ao povo negro, mas também em dias letivos comuns. Até porque todo dia é dia do negro e do branco.

Como professores e professoras precisamos lançar mãos as mais variadas estratégias possíveis de combate ao racismo no ensino fundamental, tendo em vista, ser uma fase de alicerce educativo na vida da criança. Temos sempre em mente de que o racismo não nasce

com a criança, o mesmo é adquirido através das reproduções racistas dos adultos que as cercam, levando as mesmas a agirem de forma semelhante.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Motivos dessa espécie (prática de racismo) aos quais presenciei, me levaram a escolher este tema de forma a contribuir a partir de estudos bibliográficos sobre a temática em questão, com algumas sugestões de como seria possível aniquilar ou pelo menos impedir o racismo contra as crianças negras em pleno processo de aprendizagem, que em hipótese alguma podem anular precocemente a sua origem e sua identidade.

Abordar temas como esse tem sua importância à medida que outros discentes se interessem ou necessitem de consultas sobre um trabalho deste cunho, que na realidade ainda é muito escasso, além de como agir no combate as práticas racistas de aversão a pessoas negras no âmbito escolar.

Independente do recorte social, a situação da criança negra e do povo negro em geral, em relação aos povos brancos, é de uma vasta desvantagem que se manifesta em diversas práticas de racismo no cotidiano escolar. É necessária uma pedagogia que valorize a diversidade etnicorracial das crianças em sala de aula na nossa sociedade contemporânea, que tende mais a valorizar as pessoas que se enquadram nos padrões estéticos eurocêntricos.

Diante dos estereótipos ditados pela sociedade denominada “branca”, as crianças negras em formação escolar demonstram uma certa inquietude frente ao prestígio oferecido as crianças de cor clara. Nota-se que a criança negra busca anular as suas origens para ser aceita no grupo. Nos livros didáticos, na Literatura Infanto-Juvenil e na mídia, percebe-se que o povo negro quase sempre é retratado de forma rude, apesar de atualmente encontrarmos autores que em seus livros enaltecem a gente negra de maneira positiva.

Negar a existência do racismo em sala de aula é como negar a existência de Leis e Políticas Públicas voltadas para a população negra. Se o racismo não existisse, não haveria a necessidade de se criar tais leis.

É dever, não só da escola, mas de todos os envolvidos no processo educativo da criança, promover a integração de todos numa só perspectiva, que temos nossas diferenças e que devemos aceita-las.

## ABSTRACT

This article presented as work of completion is the result of research carried out in a school in State Schools in the city of Guarabira during the stage of Teaching Practice between March and June 2012. After the internship, I realized the existence of racism in the classroom and the teacher's omission at times when the conflict was exacerbated étnicorracial. The analysis followed the direction of qualitative research and developed using the techniques of observation and readings specific example of Andrade, 2001; MEC, Brazil, 2004; Knight, 2001 and Cruz, 1989. Given what I lived, was strengthened motivation for the theme. And so, I leave my statement about the insufficient knowledge of the Law 10.639/03 establishing the mandatory teaching of African history and african-Brazilian culture in the school curriculum.

Keywords: Racism in school, Childhood-racism, Antiracist strategies.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Inaldete Pinheiro de. Construindo a autoestima da criança negra. In: MUNANGA, Kabengele (Org.). **Superando o racismo na escola**. Brasília: Ministério da Educação, 2001, p. 115.

BRASIL, MEC. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnicorraciais e para o ensino de História e Cultura Afro Brasileira e Africana**. Brasília, 2004.

CAVALLEIRO, Eliane (Org.). **Racismo e antirracismo na educação**. Repensando nossa escola. São Paulo: selo Negro, 2001.

CRUZ, Manoel de Almeida. **Alternativas para combater o racismo segundo a pedagogia interétnica**. Salvador: Núcleo Cultural Afro Brasileiro, 1989.

FERNANDES, Florestan. **Significado do protesto negro**. São Paulo: Cortez, 1989. (Coleção Polêmica do Nosso Tempo; v. 33).

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura).

GONDIM, Vanise de Oliveira. **Observação Direta Escola Campo**. Guarabira/PB, 2012. Relatos de estágio não publicado.

SANT'ANA, Antônio Olímpio de. Histórias e Conceitos Básicos sobre o Racismo e seus Derivados. In: MUNANGA, Kabengele. (Org.). **Superando o racismo na escola**. 2ed. Brasília: MEC, 2005, p.39-66.

SANTOS, Joel Rufino dos. **A questão do negro na sala de aula**. São Paulo: Ática, 1990.

SOUSA, Andréia Lisboa de. Personagens negros na Literatura Infanto-Juvenil: rompendo estereótipos. In: CAVALLEIRO, Eliane. (Org.). **Racismo e antirracismo na educação**. **Repensando nossa escola**. São Paulo: Selo Negro, 2001, p. 195.